

Prelúdio

Apresentar um texto, e um texto poético, toca um pouco mais além do que dizer do autor, de suas palavras, das imagens que suscita, do sufoco, do nó na garganta, do grito que profere. De pronto, há termos mais comuns, ou mais usados, como prefácio, introdução. Há outros mais pesados, um tanto sóbrios, como prolegômenos. O fato é que nenhum desses arremessos daria conta de balbuciar sílabas aos poemas de Paulo Laurindo. Então, a escolha de prelúdio aludindo aos trovadores e menestréis de tempos algures. Um tom que marcasse as palavras com o som das imagens de um Bergman de *gritos*, de *sussurros*. De sombras, de ausências de palavras que remetessem a um *kane* Welles. Um corte absurdo dos filmes de Gláuber seria sensato, já que em alguns poemas Paulo aponta-lhe referências. Mais ainda, e melhor seria, entornar copos em canções e caetanear por buarques tropicalistas. Tudo e mais um pouco estaria em força dos poemas de Laurindo.